

XI Encontro Internacional dos Fóruns VII Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

09-12 JULIO | 2020

Paseo La Plaza - CABA
Av. Corrientes 1660

Buenos Aires
Argentina

Para que haja corpo...

Ramon Miralpeix

Com este título quero destacar, em primeiro lugar, que o corpo não está dado de saída. *Ter* um corpo parece uma obviedade e, no entanto, só é assim para quem o tem. A questão é que o corpo pode advir – ou não –, pode constituir-se – ou não – desde um ponto em que *o infans*¹ ainda não construiu um corpo. Apelar à prematuridade da cria humana para explicar este “ainda não”, não é suficiente, pois não se trata apenas de uma questão de desenvolvimento.

O Infans não é propriamente sujeito. O sujeito requer sustentar-se em um corpo e, por sua vez, o sujeito faz o corpo. Mas o sujeito só o é na medida em que é representado por um significante para outro significante, quer dizer, no interior do discurso. Podemos sustentar que se está na linguagem por um dizer do Outro, sem escolha, e a partir do zero, da parte do *infans*; mas a entrada no discurso está sujeita à contingência de alguns encontros e à escolha de uma resposta frente a esses encontros, que pode ser um sim ou um não, ou um silêncio. Sujeito, então, o *infans* não é. Indivíduo... tampouco, porque indivíduo remete ao Um, à unidade e ao indivisível: está claro que o indivíduo exige seu próprio reconhecimento como singular, e que este reconhecimento só é possível com a alienação-separação, a partir da qual pode ser contado como um dentre outros uns. *O infans* estaria mais perto de um monte de fragmentos do que do unitário. Evidentemente, *parlêtre* tampouco, porque exige a coalescência, na *materialité* de *lalangue*, do significante (que é do Outro) e do gozo (que é do Um). E organismo também não é satisfatório, nem por sua vertente de simplesmente “ser vivo” – como conjunto de órgãos do corpo animal –, nem por sua proximidade ao orgânico, ao organizado. Em todo caso, o que o *infans* tem como corpo, o tem na medida em que é reconhecido como humano, como sendo *dos nossos*, olhado por alguns *parlêtres*, mas que ainda precisa do que Colette Soler chama de um “segundo nascimento”² para o qual são necessários, repito: um encontro que é contingente como tal, e uma escolha. E aqui, uma pergunta abre caminho: de onde, de que ponto se produz esta escolha? Mesmo que esta pergunta sirva apenas para indicar que se pode optar por não responder e ficar, assim, fora da cadeia, fora do discurso³ – no

1 Escolho o termo "*infans*" porque em sua etimología latina, está formado pelo prefixo *in* – que indica la negación do que vem a seguir – e *fāns*, participio do verbo *for* que significa "falar", "dizer". Então *infans* sería "o que ainda não fala", ou um "*semdizer*".

2 Soler, C. *El en-corporo del sujeto*. G.G. Ediciones. p. 123

3 Isto se vê bem no autismo, onde o “fora do discurso” se apresenta na forma de um “sem gramática”, patente nos recursos de comunicação dos quais pode se servir o autista (desde os

final das contas, este segundo nascimento supõe, implica, a demanda. Não sei se há um nome mais apropriado que o de *infans*, mas não importa, o que me interessava no momento, era começar pelo princípio, e colocar algumas questões em torno do que é um corpo.

Sigo com o título, e em seguida se pode ver que ele requer uma continuação, isso está claro: para que haja corpo... que condições são necessárias, quais são suficientes? O pouco que foi dito até agora, desenha um marco para o “corpo”, uma posição a partir da qual é possível dizer que “o há”, que “o tem”, mesmo que nesse momento seja apenas pelo negativo: não é um sujeito, não é um indivíduo, não é um *parlêtre*, não é só um organismo vivo... no entanto, o corpo precisa do sujeito assim como o sujeito precisa do corpo, e o mesmo poderíamos dizer do indivíduo e do *parlêtre*. Quanto ao organismo que apela ao vivo, este não vem sozinho, pois o primeiro nascimento inclui o meio humano no qual se produz o Outro da linguagem para quem esse organismo, já *infans*, vem a ocupar o lugar de um elo na cadeia geracional, e sobre o qual foram falados muitos ditos.

Então nos situamos neste espaço que vai do primeiro ao segundo nascimento, ou seja, no autista, que poderia parecer ter ficado congelado aí. Não tenho experiência no trabalho com *infans* que se tornaram sujeitos crianças ao sair do segundo nascimento⁴, mas sim na clínica com pequenos autistas kannerianos o “*prototípicos*”⁵, e me interrogo sobre o uso de alguns conceitos e sua pertinência: penso em termos como pulsão, objeto (por exemplo: se fala de retenção do objeto voz no autista⁶, ou do objeto autístico), o gozo. Na realidade, estes termos estão incluídos sempre no espaço semântico do sujeito, e seu uso nos dificulta pensar, em sua originalidade, alguns fenômenos que observamos quando trabalhamos com os autistas, pois, neste espaço entre nascimentos, nem o real, nem o imaginário foram

signos verbais – como as ecolalias diferidas – até o uso de imagens, passando pelos signos sobre o corpo)

- 4 Este nascimento é simultâneo ao do Outro (barrado) e ao do corpo, em sua dimensão de continente – de unidade imaginária – e em sua dimensão de substância gozante – ordenada, na maquinaria pulsional, pelo falo.
- 5 Laurent Mottron. L'intervention précoce pour enfants autistes. Ed. Mardaga, Bruxelles, 2016. Mottron distingue entre um autismo prototípico, que se assemelha muito ao descrito por Kanner, em oposição a um autismo sindrômico, que acompanha uma variedade de transtornos genéticos ou neurológicos. Suas contribuições são interessantes, apesar de seus preconceitos contra a psicanálise como ferramenta para tratar os autistas.
- 6 Jean-Claude Maleval. El autista y su voz. Ed Gredos 2011 (entre outros)

furados pelo simbólico ⁷. Não deveríamos, então, falar de pulsão, ⁸ quando não há demanda articulada, nem, portanto, de objeto (nem de objeto da pulsão, nem do desejo, nem como causa), nem de gozo (“o gozo é algo experimentado, certamente, mas modificado pela operação significativa”⁹).

Talvez algumas das perguntas que abrem este prelúdio tenham seu desdobramento em nosso Encontro.

Nos vemos em Buenos Aires!!

-
- 7 De fato, quando pensamos o vivido experimentado pelos autistas à luz destes três registros, temos alguns problemas, porque para nós é impossível pensar em um real que não esteja furado, limitado por um imaginário e por um simbólico suficientemente consistentes. E, no entanto, somos testemunhas de um real selvagem, nada “domesticado”, nada civilizado... mesmo que possamos distinguir alguns elementos simbólicos imaginários – como o que em algum lugar chamei de “células dialogais”, de dois ou três, inclusive mais elementos, que não conseguem abrir-se em forma de cadeia significante na estrutura, quer dizer sem passar à simbolização. Apesar dessa ausência de simbolização, estas “células *dialogais*” e algumas montagens autísticas conseguem fazer uma barreira precária e um falso furo nesse real cuja irrupção, sem essa barreira, se expressa ocasionalmente sob a forma de angústia, sob a forma de horror, do insuportável, e frequentemente na impossibilidade elevada a qualquer potência da relação com os semelhantes: nesse sentido se vê bem que só contingentemente se pode atravessar essa impossibilidade, e de forma fragmentada.
- 8 Embora não possamos falar de uma “montagem” da pulsão, em seu lugar vemos outras montagens – algumas vezes relativas também aos furos do “corpo”, mas outras relativas a circuitos que têm seu início e seu final na sensibilidade de outras zonas.
- 9 Colette Soler. ¿Humanización? Curso 2013-14. Los Pliegues de la Biblioteca n.º 5 (publicación de la EPFCL-FFCLE-F9). p. 31